


# Arte e crítica em Belém do Pará: diálogos entre Theodoro Braga e Alfredo Sousa (1906–1911)

Art and Criticism in Belém do Pará: Dialogues between Theodoro Braga and Alfredo Sousa (1906–1911)

DOI: 10.20396/rhac.v6i2.20690

GABRIEL BORGES SOUZA

Doutorando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará

 0009-0005-8767-7253

## Resumo

Este artigo analisa a discussão proposta por Alfredo Sousa, crítico de arte residente no jornal belenense *Folha do Norte* (1896), acerca de algumas obras expostas pelo artista e historiador paraense Theodoro Braga (1872–1953) entre os anos de 1906 e 1911. Nosso intuito é trazer à tona a crítica de arte como um campo de debates que contribuiu diretamente para a consolidação do sistema de arte da cidade de Belém no início do século XX, além de apresentar obras e inserir, em um debate mais amplo, nomes que ainda permanecem à margem dos grandes estudos sobre a história da crítica de arte brasileira.

**Palavras-chave:** Crítica de arte. Belém do Pará. Imprensa amazônica.

## Abstract

This article analyzes the debate proposed by Alfredo Sousa, an art critic affiliated with the *Folha do Norte* newspaper (1896), regarding certain works exhibited by the Amazonian artist and historian Theodoro Braga (1872–1953) between 1906 and 1911. Our aim is to bring to light art criticism as a field of debate that directly contributed to the consolidation of the art system in the city of Belém at the beginning of the 20th century. The article also seeks to present works and introduce, into a broader discussion, figures who still remain on the margins of major studies on the history of Brazilian art criticism.

**Keywords:** Art criticism. Belém do Pará. Amazonian press.

## Introdução: um novo gênero literário na capital paraense<sup>1</sup>

Se para alguns críticos de arte que publicavam na imprensa fluminense em idos do século XIX o “Rio de Janeiro era o Brasil” e a “arte carioca era a arte brasileira”, aparentemente para alguns intelectuais do extremo Norte este não era caso.<sup>2</sup> No cotidiano de Belém do Pará, por exemplo, para além dos esforços da política vigente que se dedicava em transformar a cidade amazônica em uma “*petit Paris*” através de um projeto modernizador que esteve atrelado a dita *Belle Époque Amazônica*,<sup>3</sup> para além das mudanças substanciais na paisagem urbana, ou seja, a construção de casarões no estilo *art nouveau*, o calçamento das vias, a abertura de *boulevards*, entre outros, a imprensa diária contribuiu diretamente para intensificação de debates estéticos nas cenas culturais e artísticas da capital paraense.<sup>4</sup>

Prova disso são os inúmeros editoriais, entre jornais diários e periódicos, revistas e pasquins que circulavam pelas ruas da cidade guajarina e que em breve pesquisas podem ser encontrados e folheados sem tantos problemas.<sup>5</sup> Foi em meio à publicação de diversos gêneros literários que, nesse mesmo contexto, a crítica de arte despontou como um campo fértil de discussões nas páginas de um dos jornais de maior tiragem e circulação em Belém, o *Folha do Norte* (1896). Tal fato chama atenção, visto que as principais discussões historiográficas sobre a história da crítica de arte brasileira do início do século XX tendem a se concentrar sempre no mesmo cenário: a cidade do Rio de Janeiro, com seus nomes recorrentes, como Gonzaga Duque, por exemplo.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado. Para ler o trabalho completo, ver: SOUZA, Gabriel Borges. **Quantos mundos há na arte?** Crítica de arte em Belém do Pará (1896–1914). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2024 (a). A pesquisa foi financiada pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA).

<sup>2</sup> Félix Ferreira (1841-1898) foi um dos propagadores de tal ideia. Disse o crítico em dado momento: “Em geral, *aqui no Rio de Janeiro, o que quer dizer no Brasil* (grifos meus), os que aprendem a desenhar contentam-se em copiar alguma coisa do natural, do gesso quase sempre, poucos são os que conseguem saber desenhar originalmente”. FERREIRA, Félix. **Belas Artes: Estudos e Apreciações**. Versão Digital Arte Data, 1998, p. 84.

<sup>3</sup> Termo cunhado pelo historiador Geraldo Mártires Coelho. Ver: COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Escritos**, ano 5, n. 5, 2011, p. 141-168.

<sup>4</sup> As últimas décadas do século XIX e a primeira década do século XX demarca o período que as cidades amazônicas como Belém e Manaus vivenciaram o que ficou conhecido como *Belle Époque*. Os principais debates acerca deste período vivenciado por certos agentes na cidade de Belém buscaram discorrer sobre o remodelamento urbano ocorrido na cidade, além de apresentarem práticas e costumes que foram incutidas na sociedade através da política vigente, à época. Para mais, ver: SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka Tatu, 2010.

<sup>5</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Páginas Antigas: Uma Introdução à Leitura Dos Jornais Paraenses, 1822-1922. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 3, 2005.

<sup>6</sup> Alguns dos nomes mais tratados no campo da crítica de arte brasileira são: Félix Ferreira (1841-1898), Angelo Agostini (1843-1910), Oscar Guanabario (1851-1937), Raul Pompéia (1863-1895) e Gonzaga Duque (1863-1911), sendo este último o mais amplamente estudado. Cito algumas produções: LINS, Vera. **Gonzaga Duque: a estratégia do franco-atirador**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991; SILVA, Rosângela de Jesus. Angelo Agostini, Félix Ferreira e Gonzaga Duque: contribuições da crítica de arte brasileira no século XIX. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n. 10, dez. 2008. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15591>. Acesso em: 9 dez. 2025.

Nesse sentido, conectar histórias torna-se um movimento relevante, sobretudo porque, não apenas no cenário urbano, mas também – e principalmente – nos campos artístico e cultural, havia muitas similaridades entre o que se passava no Rio de Janeiro e em Belém do Pará. No campo das belas artes, por exemplo, a realização de exposições de pintores renomados em espaços destinados à apreciação da arte tornou-se algo recorrente em Belém na virada do século XIX para o século XX. Esse movimento contribuiu para dinamizar um sistema de arte local, envolvendo a apreciação, o consumo e o debate estético em torno das produções de artistas visitantes e de artistas da terra.<sup>7</sup>

Fosse no *foyer* do Theatro da Paz ou nas pequenas galerias espalhadas pelo centro da cidade, a divulgação das exposições, seus *vernissages*, o contingente de visitantes e até mesmo o nome dos compradores das obras de arte que circulavam em Belém naquele período eram constantemente noticiados em pequenas colunas e seções dos jornais diários.<sup>8</sup> Esses elementos já indicam que Belém dispunha, à época, de um sistema de arte em expansão.<sup>9</sup> Enriquecendo o debate artístico, a partir de 1900, as páginas dos dois principais jornais de circulação diária na capital paraense – *Folha do Norte* e *A Província do Pará* – passaram a contar com colunas fixas que publicavam críticas de arte não apenas sobre as obras expostas nas grandes mostras, mas também sobre aquelas presentes nos pequenos *ateliers* de artistas residentes em Belém.

Foi nesse momento que alguns nomes despontaram como os principais críticos de arte na Belém daquele período, como Antônio Marques de Carvalho (1867-1915), redator do jornal *A Província do Pará* que publicou com certa assiduidade a coluna *Crítica d'Arte* entre os anos de 1899 e 1909.<sup>10</sup> No jornal concorrente, o *Folha do Norte*,<sup>11</sup> dois nomes tornaram-se conhecidos por promover debates artísticos por meio de críticas meticulosas publicadas nas edições matutinas. O maranhense João Affonso do Nascimento (1855-1924)<sup>12</sup> contribuiu com análises sobre obras significativas para a arte paraense, como o

---

<sup>7</sup> ALVES, Moema Bacelar. **Do Lyceu ao Foyer**: Exposições de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

<sup>8</sup> SOUZA, Gabriel Borges. Notas artísticas: artes no cotidiano de uma Belém de outrora. **19&20**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 1-2, jan.-dez. 2022. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/criticas/criticas\\_gbs.htm](http://www.dezenovevinte.net/criticas/criticas_gbs.htm). Acesso em: 9 dez. 2025.

<sup>9</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Quimera Amazônica: Arte, Mecenato e Coleccionismo em Belém do Pará (1890-1910). **Clio - Revista de Pesquisa História**, v. 28, n. 1, 2010.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> No contexto que estamos tratando, *A Província do Pará* e o *Folha do Norte* estavam em circulação diária e tinham importante relevância na sociedade belenense devido representarem diretamente grupos políticos opostos, que ficaram conhecidos como Lauristas (correligionários de Lauro Sodré) e Lemistas (correligionários de Antônio Lemos). Os impressos mostraram-se como mecanismos imprescindíveis para estes grupos expressarem suas opiniões. Ver: CUNHA, Marly Solange Carvalho da. **“Matutos” ou Astutos?** Oligarquia e coronelismo no Pará Republicano – 1897-1909. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

<sup>12</sup> SOUZA, Gabriel Borges. O olhar crítico do maranhense João Affonso do Nascimento. **19&20**, Rio de Janeiro, v. XIX, 2024 (b). Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/19\\_20/artigo/o-olhar-critico-do-maranhense-joao-affonso-do-nascimento/](http://www.dezenovevinte.net/19_20/artigo/o-olhar-critico-do-maranhense-joao-affonso-do-nascimento/). Acesso em: 9 dez. 2025.

texto dedicado ao quadro histórico *Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* produzido pelos pincéis de Theodoro Braga.<sup>13</sup> Na mesma redação, atuava de forma assídua Alfredo Sousa, crítico e colecionador de obras de arte, que assumiu, durante anos, o papel de crítico residente do impresso.

Nesse sentido, confluindo com a ideia de Medeiros (2022, p.18) de que “a crítica e a crônica, enquanto exercícios jornalístico-literários, servem de documentação para a história da arte”,<sup>14</sup> nas linhas que seguem, propomo-nos a apresentar o diálogo entre a pena de Alfredo Sousa e os pincéis do pintor e historiador paraense Theodoro Braga (1872–1953), que chegou a Belém em meados de 1905 após realizar estudos em Paris. Por meio de textos publicados pelo crítico de arte entre 1906 e 1911, analisaremos algumas das obras expostas por Braga em grandes mostras e em seu ateliê.

Diante do exposto, este artigo parte de uma questão central: de que modo a crítica de Alfredo Sousa às obras de Theodoro Braga, publicada entre 1906 e 1911 no jornal *Folha do Norte*, evidencia as similaridades e conecta o sistema de arte de Belém aos principais centros da arte brasileira do início do século XX? Assim, este artigo busca demonstrar como a crítica de Sousa às obras de Braga não apenas documenta a cena artística local, mas revela processos de legitimação e mediação que inserem Belém no sistema artístico brasileiro, em diálogo com outros circuitos artísticos. Essa problematização orienta a análise, que busca ir além do relato descritivo das críticas, refletindo sobre os valores, disputas e mediações em jogo no contexto amazônico.

Nosso intuito é destacar a crítica de arte como um campo de debates que contribuiu diretamente para a consolidação do sistema artístico da cidade de Belém no início do século XX, além de apresentar obras e inserir, em um debate mais amplo, nomes que ainda permanecem à margem dos grandes estudos sobre a história da crítica de arte no Brasil.

### **“Impressões d’Arte”, por Alfredo Sousa**

Após retornar de sua última viagem a Lisboa, algumas mudanças significativas ocorreram na vida profissional de Alfredo Sousa.<sup>15</sup> Redator do jornal *Folha do Norte* desde sua primeira edição,<sup>16</sup> Alfredo

---

<sup>13</sup> JOAFNAS. Uma Exposição Artística. *Folha do Norte*, Belém, 20 dez. 1908, p. 1.

<sup>14</sup> MEDEIROS, Afonso. Metodologia da história da arte (não) europeia (2ª parte): historiografias em trânsito. *Revista Visuais*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 1–37, 2024. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/visuais/article/view/19143>. Acesso em: 1 out. 2025.

<sup>15</sup> Infelizmente, dispomos de poucos dados biográficos sobre Alfredo Sousa. Por meio da imprensa, foi possível identificar que o jornalista era português, advogado e colecionador de obras de arte. Era irmão do médico Dr. Amílcar de Sousa, que também publicou alguns textos no jornal *Folha do Norte*. Em 1913, Alfredo Sousa passou a ocupar o cargo de Secretário da Fazenda do Estado do Pará durante o governo de Enéas Martins, um dos proprietários do jornal no qual Sousa trabalhou por anos, sendo, inclusive, seu colega de imprensa.

<sup>16</sup> FOLHA do Norte, Belém, 25 jan. 1896, p. 1.

dividia-se entre dois ofícios: o jornalismo e a advocacia. Entre 1896 e 1899, atuando como advogado, atendeu seus clientes no próprio prédio da redação da *Folha*, transferindo seu escritório para outro endereço em junho de 1899. Como jornalista, suas principais pautas publicadas no diário estavam vinculadas à arte, sendo ele o primeiro redator da coluna *Notas Artísticas*<sup>17</sup>, que posteriormente passou a assumir um caráter mais voltado ao teatro.

Colecionador de obras de arte, Alfredo Sousa parecia ter as retinas e a sensibilidade apuradas para a apreciação e a análise de produções artísticas. Com a coluna *Notas Artísticas* passando a se restringir a anúncios e debates teatrais, e diante da dinamização do circuito de exposições de arte na Belém daquele período, não tardou para que Sousa conquistasse maior espaço nas páginas do *Folha do Norte*, passando a manter uma coluna exclusiva dedicada a estudos e análises críticas de obras expostas nas galerias da cidade.

A partir de 1901, sem periodicidade fixa, passou a ser publicada no jornal *Folha do Norte* a coluna *Notas de Arte*, assinada por Alfredo Sousa. Destinada, a princípio, à publicação de crônicas sobre arte, e tornando-se, em um segundo momento, uma coluna de críticas (ocasião em que passa a ser intitulada *Impressões d'Arte*), suas temáticas variavam entre estudos isolados de obras que o redator apreciava em galerias e ateliês da cidade e análises sobre grandes exposições.

Na publicação de estreia de sua coluna, datada de agosto de 1901, Alfredo Sousa redigiu, para os leitores da *Folha*, uma crônica de arte sobre uma pequena exposição de quadros realizada na Livraria Clássica, situada na Rua Conselheiro João Alfredo, em Belém. Ainda em processo de desenvolvimento de seu estilo de escrita, Sousa procurou narrar sua experiência de visita à exposição.<sup>18</sup> Seguindo a fórmula convencional das crônicas de arte do período, informou rapidamente aos leitores onde poderiam apreciar os quadros mencionados. Chama atenção a diversidade de obras de artistas internacionais citados pelo crítico, entre “um bello interior arábe de Centa e Raiff (sic)” e “Ruiz, Aguilar, Barta, Saune e Sumjet” que “exhibem payzagens, marinhas e costumes muito apreciáveis”. Indo além, Sousa fez questão de frisar que alguns aficionados, como os “Drs. José Malcher, Britto Pontes e Almeida Pernambuco”, já haviam adquirido algumas obras, destacando a prática do colecionismo de arte, já eminente em Belém.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Alguns textos não eram assinados e, em outros, o redator imprimia apenas a inicial de seu nome: “A.”. Como exemplo das matérias veiculadas por Alfredo Sousa nos primeiros anos como redator do jornal *Folha do Norte*, podemos citar alguns textos informativos sobre os mundos da arte. Ver: NOTAS Artísticas. **Folha do Norte**, Belém, 3 jan. 1896, p. 2; *Idem*. **Folha do Norte**, Belém, 5 jan. 1896, p. 1.

<sup>18</sup> “Foi com grata impressão que sahindo hontem da Livraria Classica, do J.B dos Santos, á Rua João Alfredo, tendo alli entrado atrahido por uma exposição de quattros a óleo, ultimamente recebidos da Europa, e nos quaes encontramos nomes bem conhecidos dos pintores de Madrid, de Sevilha e Barcellona, que o chefe da casa comprou em uma venda de ocasião, e que aqui collocou para revender aos preços mais reduzidos que já vimos em mercado de tal genero nos dois hemispherios. São dignos de vista e admiração alguns d’elles, pela habilidade e feitura e a finura da concepção”. A. Notas de Arte. **Folha do Norte**, Belém, 8 ago. 1901, p. 1.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

O estilo empregado pelo redator abre precedentes para a discussão acerca dos gêneros textuais que compunham o que ficou conhecido como “literatura artística” no entresséculos (XIX-XX). Gamboni propõe uma discussão metodológica pertinente sobre a análise de textos que tratavam das belas artes nesse período, auxiliando aqueles que se dedicam à pesquisa e ao estudo desses gêneros literários. Segundo o autor, com base em estudos de Julius von Schlosser (1924) e Jean-Paul Bouillon (1980), o primeiro passo deve ser a classificação dos textos sobre arte produzidos na virada do século XIX para o XX, lançando um olhar atento ao que esses autores denominaram “literatura artística” do período, tais como:

O artigo de imprensa ou o verbete de dicionário, a crônica de arte (Burty, Geffroy), a resenha de exposição (os Salons), o guia de museu (Gautier), o relato de viagem, a monografia (Champfleury, Goncourt), o estudo histórico (Thoré, Chesneau), o texto polêmico (Silvestre, Mirabeau), o manifesto (Duranty, mas também Courbet ou Manet), a coletânea de aforismos (Dolent), o romance sobre arte (Burty, Goncourt, Zola), o romance de arte, [...] a correspondência de arte (Pissarro, Van Gogh, Cézanne) [...]<sup>20</sup>

Nesse sentido, nota-se que os primeiros textos publicados por Alfredo Sousa em sua coluna ainda não se enquadravam nos ditames da crítica de arte daquele período. Mas, afinal, como qualificar um crítico de arte se não havia formação específica para tal? No Rio de Janeiro, por exemplo, alguns redatores publicaram críticas de arte e só recentemente vêm sendo reconhecidos, caso de Raul Pompéia (1863–1895), por exemplo.<sup>21</sup> Outros, como Gonzaga Duque (1863–1911), aparentavam ter plena consciência do papel relevante que desempenhavam no sistema de arte em que estavam inseridos.<sup>22</sup>

Em Belém, os casos eram semelhantes. O já citado Antônio Marques de Carvalho, por exemplo, intitulou sua coluna como *Crítica d'Arte*, sinalizando aos leitores o conteúdo que seria abordado. Com Alfredo Sousa, porém, o percurso foi distinto: a transformação de seu estilo de escrita até que o redator, enfim, se configurasse como um crítico de arte ocorreu de forma gradual. Se, na mesma cidade e no mesmo contexto, Antônio de Carvalho argumentava que sua vivência nas principais cidades europeias —

---

<sup>20</sup> GAMBONI, Dario. Propositions pour l'étude de la critique d'art du XIXe siècle. *Romantisme*, v. 21, n. 71, p. 9-17, 1991.

<sup>21</sup> A partir da análise de textos publicados pelo literato na imprensa, tratando de obras e exposições de Belas Artes, Samara Pelk argumenta que, embora o próprio Pompéia, em vida, tenha se autodenominado cronista, tal epíteto, por si só, não lhe bastava. Ao se debruçar sobre as fontes, a autora identifica, nos escritos de Raul Pompéia, um dos principais critérios que enquadravam um texto nos moldes da crítica de arte daquele período: o juízo de valor. Dessa forma, apresenta-o como mais um crítico de arte brasileiro cuja arena de atuação foi a imprensa do Sudeste, no final do século XIX. Ver: PELK, Samara Müller. **Raul Pompéia**: Mais um Crítico de Arte no Brasil do Século XIX. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

<sup>22</sup> LINS, Vera. O Crítico como Artista. *Teresa* - Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, p. 131-139, 2014.

visitando museus e galerias conceituadas, lhe conferia bagagem para exercer a crítica,<sup>23</sup> Sousa foi se tornando crítico aos poucos, aprimorando suas análises e incorporando os principais conceitos que regiam a crítica de arte naquele período — sobretudo o gosto, carregado de juízos de valor sobre as composições das obras de arte analisadas.

Nesse sentido, valemo-nos dos preceitos de Venturi, que ressalta a importância de considerarmos a temporalidade da produção das obras de arte analisadas, assim como o contexto cultural em que as críticas foram elaboradas. Para o autor, a crítica de arte não pode ser compreendida isoladamente, mas sim inserida em um campo histórico-cultural que condiciona os critérios e parâmetros de julgamento estético. Assim, as características fundamentais para enquadrar um texto como crítica de arte no entresséculos (XIX-XX) perpassam os conceitos de *gosto*, entendido aqui como um constructo social e histórico que regula as preferências estéticas, e *juízo de valor*, que expressa a mediação entre as normas culturais e a singularidade da obra.<sup>24</sup>

Embora não seja possível trabalhar com fórmulas exatas para a identificação e diferenciação dos textos de crítica de arte dos demais componentes da “literatura artística” já citada, a obra de Venturi, ao que parece, abriu caminhos para que historiadores da arte pudessem debater de forma mais condensada a crítica de arte em diversos contextos. No entanto, seria ingênuo pensar que as análises dos textos desse gênero se limitam aos conceitos de gosto e juízo de valor. Considerando os críticos de arte como sujeitos que desempenhavam a função de mediadores entre as obras e o público apreciador, alguns historiadores identificaram um “didatismo” na escrita desses autores, sendo a descrição minuciosa das obras de arte, por vezes em tom poético, uma das principais características dos textos de crítica de arte do período que estamos analisando, visto que, neste momento (e principalmente no caso brasileiro) informar e promover o sistema de arte era uma preocupação constante para esses sujeitos.<sup>25</sup>

Tais postulações se aplicam de maneira bastante adequada à abordagem desenvolvida por Alfredo Sousa em suas colunas no jornal *Folha do Norte*. Na publicação inaugural da coluna *Notas de Arte*, Sousa revelou-se um sujeito atento ao cotidiano artístico vivenciado pela cidade de Belém, buscando ativamente pautas ligadas às artes para publicá-las nas páginas do jornal. Com isso, conferia corpo à mentalidade do período, segundo a qual a civilização e o progresso também seriam alcançados por meio da arte, prática semelhante àquela mantida pelo crítico Oscar Guanabario (1851–1937) na imprensa carioca, por exemplo.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> CARVALHO, Antônio Marques de. Crítica d'Arte – Duas telas italianas. **A Província do Pará**, Belém, 6 maio 1901, p. 1.

<sup>24</sup> VENTURI, Lionello. **História da crítica de arte**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 23.

<sup>25</sup> NOGUEIRA, Isabel. Considerações a Respeito da Crítica de Arte e da sua Função. **Estudos do Século XX**, n. 7, 2007, p. 337-347.

<sup>26</sup> GRANGEIA, Fabiana Guerra. **A Crítica de Arte em Oscar Guanabario**: Artes Plásticas no Século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

Entre a estreia de sua coluna e a publicação de sua primeira crítica, passaram-se cerca de cinco anos. Entre 1900 e 1905, o jornalista priorizou a publicação de crônicas e textos informativos, deixando à margem o debate estético sobre o gosto e a aplicação de juízos de valor às obras contempladas em galerias e exposições.<sup>27</sup> A cena mudaria em 1905, quando Alfredo, pela primeira vez, assumiu a postura de crítico de arte e publicou um extenso texto crítico sobre o Salão de Portugal. Abrindo a edição do jornal *Folha do Norte* no dia 15 de fevereiro, com o texto intitulado “Do Porto ao Pará”,<sup>28</sup> Sousa passou a realizar uma análise meticulosa das obras expostas pelas pintoras Lucília Grave e Aline Grille, das quais saiu com boas impressões.

Atento às técnicas utilizadas pelas artistas portuguesas, o crítico desenvolveu um debate estético considerando a composição dos quadros em exibição. Diferenciando as produções das pintoras com base na escolha de cenários e nos ambientes em que as obras foram produzidas, Sousa teceu críticas elogiosas às opções adotadas por ambas em suas execuções, embora tenha considerado mais primoroso o pincel de Aline Grille.<sup>29</sup>

A partir desse momento, Alfredo Sousa passou a publicar assiduamente diversas críticas de arte nas páginas do jornal *Folha do Norte*. Ao contrário de seu contemporâneo Antônio de Carvalho, que parecia escolher a dedo as grandes exposições que visitava, privilegiando ateliês de artistas e pequenas mostras,<sup>30</sup> Sousa escreveu sobre as exposições de arte mais comentadas do período, contribuindo para a consolidação do sistema de arte da Belém de então. Entre os artistas visitantes cujas obras foram analisadas em sua coluna, destacam-se nomes como Aurélio de Figueiredo (1907),<sup>31</sup> Fernandez Machado (1907),<sup>32</sup> Carlos de Servi (1909),<sup>33</sup> Oscar Pereira da Silva (1910),<sup>34</sup> entre outros. Da safra de pintores paraenses que viviam e produziam em Belém, merecem destaque as críticas publicadas sobre obras de José Girard<sup>35</sup> e Theodoro Braga, este último com atenção mais recorrente por parte do crítico.

---

<sup>27</sup> Como exemplo, podemos citar a série de crônicas sobre artistas que viviam em Belém, publicadas na coluna *Notas de Arte*, assinadas por Alfredo Sousa ao longo de 1903. Sobre João Affonso do Nascimento, multiartista e crítico de arte em Belém naquele período, ver: “A”. NOTAS de Arte. **Folha do Norte**, Belém, 28 ago. 1903, Gazetilha, p. 1.

<sup>28</sup> SOUSA, Alfredo. Do Porto ao Pará. **Folha do Norte**, Belém, 15 fev. 1905, p. 1.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> Apesar de estar atento às grandes exposições que ocorriam na capital paraense naquele contexto, Antônio de Carvalho, por meio de sua coluna e de seus textos de crônica e crítica de arte, parecia empenhar-se em criar um *mise en scène* das artes visuais em Belém. Visitava ateliês de artistas locais, comentava obras e exposições de menor porte, e demonstrava especial interesse em incentivar e alavancar o ofício dos artistas da terra por meio de seus escritos e análises — tornando-se, assim, um pilar importante na difusão do sistema de arte em Belém entre os séculos XIX e XX. SOUZA, *op. cit.*, 2024 (a), p. 56.

<sup>31</sup> SOUSA, Alfredo. A exposição de pintura de Aurélio de Figueiredo. **Folha do Norte**, Belém, 13 mar. 1907, p. 1.

<sup>32</sup> *Idem*. A Exposição de Pintura de Fernandez Machado. **Folha do Norte**, Belém, 11 set. 1907, p. 1.

<sup>33</sup> *Id.* Exposição De Servi. **Folha do Norte**, Belém, 10 jul. 1909, p. 1.

<sup>34</sup> *Id.* Impressões de Arte — Oscar P. da Silva. **Folha do Norte**, Belém, 11 ago. 1910, p. 1.

<sup>35</sup> *Id.* No atelier do Girard. **Folha do Norte**, Belém, 17 dez. 1905, p. 1.

Entre os anos de 1906 e 1911, Alfredo Sousa publicou uma série de textos dedicados à obra de Theodoro Braga, artista paraense criado em Recife, que chegou a Belém por volta de 1905, após retornar de Paris, onde realizara estudos por ter sido aluno premiado da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.<sup>36</sup> Supõe-se que Braga tenha chegado à cidade já com certo prestígio. Prova disso foi sua rápida inserção no circuito de exposições de arte da capital, movimento que levou Alfredo Sousa a torná-lo tema de críticas de arte especialmente significativas.

### **Quando a crítica encontra o artista: o olhar de Alfredo Sousa sobre Theodoro Braga**

Theodoro Braga (1872–1953) chegou a Belém já com certa fama, sendo que alguns aficionados pelas artes tinham conhecimento de seus progressos desde os estudos particulares no Recife, passando por sua formação na Escola Nacional de Belas Artes, até alcançar, naquele momento, o ápice de sua trajetória ao estudar pintura em Paris. Prova disso foi a crônica de arte publicada no dia 13 de maio de 1906, tratando da abertura da exposição de Braga no *foyer* do Theatro da Paz. No texto, um dos redatores do jornal *Folha do Norte* apresentou aos leitores uma breve biografia profissional do pintor, convidando os interessados a apreciar as obras que estariam expostas no salão do teatro.<sup>37</sup>

No *vernissage* da exposição de Theodoro Braga estiveram presentes membros da imprensa, aficionados, colecionadores, curiosos e Alfredo Sousa, crítico de arte do jornal *Folha do Norte*. Como os demais apreciadores, Sousa, ao que tudo indica, saiu do *foyer* encantado com o que viu, tendo adquirido para sua coleção pessoal a obra *Vaticano*.<sup>38</sup>

Como efeito do que pôde contemplar na exposição de Theodoro Braga, bastaram três dias após a abertura para que o crítico de arte Alfredo Sousa publicasse no jornal *Folha do Norte* um extenso texto no qual se dedicou à análise das obras expostas no *foyer* do Theatro da Paz. O momento também marcou a estreia de sua nova coluna, *Impressões d'Arte*, que se tornaria a principal seção jornalística onde o crítico veicularia seus textos até meados de 1911. No dia 17 de maio de 1906, Alfredo Sousa publicou suas impressões sobre os pincéis de Theodoro Braga:

---

<sup>36</sup> PASCOAL, Paola. Theodoro Braga e as proposições para uma arte brasileira. 1982, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/tb\\_pp.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/tb_pp.htm). Acesso em: 16 jul. 2025.

<sup>37</sup> THEODORO BRAGA. *Folha do Norte*, Belém, 13 maio 1906, p. 1. Indico a leitura principalmente para aqueles que pesquisam a obra de Theodoro Braga.

<sup>38</sup> *Idem*. *Folha do Norte*, Belém, 15 maio 1906, p. 1. Além da obra “*Vaticano*”, adquirida por Alfredo Sousa, foram adquiridas: “*Fim de Sacrifício*”, por Britto Pontes; “*Cabeça de Madona*”, por Eladio Lima; “*Canto de Aldeira e Tramonto*”, por Henrique Cascão. Os valores não foram divulgados.

Conheço todos os pintores que nestes últimos 20 annos têm produzido em Belém, ou aqui as tem exhibido, as suas obras de índole e feição varias; ha mais de 10 que na imprensa tenho assignalado todas as manifestações artísticas do desenho dignas de menção em certames aqui effectuados por nacionaes e estrangeiros, profissionaes e amadores, e jamais a obra pictórica de um artista falou tanto á minha impressionabilidade e lhe foi tão grata e sensível como a de Theodoro Braga.<sup>39</sup>

Esse trecho revela como Sousa mobilizava sua autoridade de crítico para legitimar Braga como artista superior aos demais. Mais do que simples elogio, trata-se de uma construção discursiva que contribui para posicionar Theodoro como representante de um ideal de progresso artístico para o Pará. O crítico continuou a tecer louvores às qualidades do pintor, atribuindo característica “poética, em alto grau a obra de Theodoro, porque impressiona e commove, pela perfeita idealização do bello que toda ella irradia”. Entre as especialidades do pintor, Sousa destacava que Braga era “desenhador, retratista, paisagista, decorador, colorista delicado”, ressaltando seu domínio tanto do lápis e do pincel quanto do pastel ou do carvão.<sup>40</sup>

Nota-se que Alfredo Sousa empregou sua crítica como instrumento de consagração de Theodoro Braga, reconhecendo a presença de outros artistas locais, mas conferindo a este uma posição de privilégio. Ao afirmar que “do confronto feito entre elles e Braga, simples principiante, resulta, flagrante, a superioridade incontestável deste”, Sousa reforça a ideia de uma genialidade precoce. O crítico intensifica o tom laudatório ao destacar as “prodigiosas faculdades intellectivas” e a “potencia creadora” de Braga, concluindo com a categórica classificação de “maior entre todos os pintores que o Pará sedentário tenha visto”. Assim, sua narrativa não apenas descrevia as obras, mas erigia Theodoro Braga como referência máxima da cena artística paraense.<sup>41</sup>

É possível afirmar que Theodoro Braga era, de fato, o artista favorito de Alfredo Sousa entre os nomes da seara de artistas paraenses, quiçá nacionais. Não à toa, após a primeira publicação da coluna *Impressões d'Arte* dedicada às obras de Braga, entre 1906 e meados de 1911, uma série de textos sobre outros trabalhos do artista seria publicada pelo crítico nas páginas da *Folha do Norte*.

Após enaltecer as qualidades artísticas de Theodoro Braga, Alfredo Sousa passou a analisar as obras que mais chamaram sua atenção durante a visita ao *foyer*, organizando seu texto em dois eixos temáticos: (1) a análise dos quadros de figuras e (2) a análise das paisagens. Com senso crítico apurado, Sousa descreveu as obras com certa fluidez, ao mesmo tempo em que indicava aos leitores alguns fundamentos e técnicas utilizadas por Braga em suas composições figurativas:

---

<sup>39</sup> SOUSA, Alfredo. *Impressões d'Arte*. **Folha do Norte**, Belém, 17 maio 1906, p. 1.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>41</sup> *Ibid*.

Applicando o critério poético á contemplação das suas mais trabalhosas e trabalhadas télas, sentimos em *S. Lucas* a ballada maravilhosa; em *Sanctev Mulieries*, a elegia maguada e luctuosa; na *Manhã de Anniversario* o hymno vibrante e áacre á vida e ao amor. São todas tres, á parte as diferenças da respectiva objectivação, verdadeiros primores de belleza, em que os pannejamentos, escolho clássico de grandes mestres, e os demais accessorios são tratados magistralmente, uma dureza ou indecisão do empastamento, e dando, como todos os que figuram em outro quadros, a nítida sensação do estofo. **A composição é harmoniosa, e própria, impressionante, a iluminação, ora radiante e grata, ora torva e sinistra, que tão bem grapha os respectivos momentos dramatisados com superior talento e riqueza de imaginação** (grifos meus).<sup>42</sup>

A análise de Sousa articula descrição estética e metáforas poéticas, revelando o caráter didático da crítica de arte do período. Aqui, a função não é apenas julgar, mas formar o gosto e sensibilizar o público leitor.

*Magdala* pareceu-me o mais científico dos trabalhos expostos, pelo apuro da sua feitura, a observação acurada nas linhas e contornos 89ugestivo89, de extrema precisão, na carnacão macerada da physionomia levantada, 89ugesti, para o céu, como que a impetrar o perdão para os 89ugesti da carne agora ciliciada. [...] Outra figura 89ugestivo, como desenho e colorido é o auto-retrato do artista, humoristicamente coroado de louros, querendo personalizar a figura romana de Ovidio, o poeta epicurista da *Arte de Amar*, num 89ugestivo medalhão. Há ainda outras figuras tratadas com rematado engenho como a *Cabeça de Madona*, *Cantor Italiano*, *Extase*, de summa expressão e correcto desenho, de irreprehensível modelado, sem esquecer as aquerellas dos dois typos infantis paraense – *Chica e Dedé*.<sup>43</sup>

Como se, de relance, passasse as retinas sobre os quadros e, mesmo com tamanha rapidez no olhar, ainda assim fosse capaz de perceber as qualidades técnicas presentes na reprodução dos tipos pintados por Theodoro Braga, Alfredo Sousa, ao realizar suas análises críticas, não se prendia a descrições extensas. Assim como em sua primeira publicação, o crítico narrava a cena e, em seguida, pontuava positivamente as atribuições artísticas do pintor. Para além da descrição estética, fez questão de destacar a “impressionante iluminação” e a “riqueza de imaginação” utilizadas pelo artista na composição de suas figuras.

Em seguida, suas análises voltaram-se para outro gênero pictórico: as paisagens expostas por Theodoro Braga em seu primeiro *salon* realizado na cidade guajarina,<sup>44</sup> como o próprio pintor gostava de se referir a Belém. Nesse contexto, Alfredo Sousa prosseguiu em seu texto:

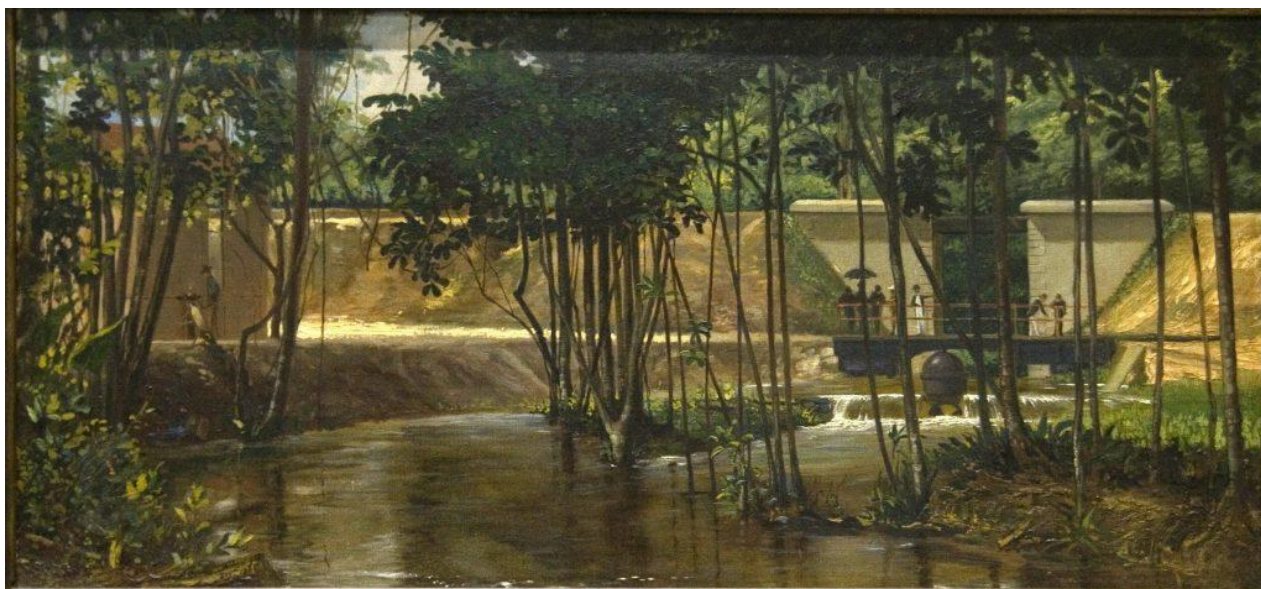
<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> *Ibid.*

<sup>44</sup> BRAGA, Theodoro. **A Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará**: Estudos e documentos para a execução da grande tēla historica pintada pelo autor e encomendada pelo benemerito intendente municipal de Belém. Belém: Secção de Obras d'A Província do Pará, 1908, p. 9.

Em paisagem, que elle trata á feição de Ruskin, no desenho meticoloso da vegetação, sem amaneirado pretencioso ou fútil, recortando a folhagem em minucias de botânico apaixonado pela integral expressão do natural, saliento para o primeiro plano o *Fim de Sacrificio* num bosque sagrado, cuja espessura é atravessada por fulvo sol, dourando o relvado as folhagens densas, em plena epocha pagã, levantando-se no seu seio a ara sacrificada das rezas vetivas, em frente do caprino fauno, ébrio de desejos pelas nymphas habitantes do sitio. Véem logo após *Captação da Água em Marituba* e *Alma do Igarapé*, assumptos locais em que a côr da natura intensa e forte como a nossa é dada com relativa verdade, que se foras preciso, para que o artista penetre bem della familiarizar-se mais com a sua espessura e gradações de colorido, difficeis de apprehender de momento, para quem como elle vem de sítios campestres tão diversos e pobres de selva.<sup>45</sup>

Embora tenha considerado agradáveis as paisagens levadas por Theodoro Braga à apreciação do público belenense, Alfredo Sousa fez questão de apontar um pequeno deslize nas colorações de duas telas que retratavam paisagens amazônicas. Para o crítico, nas obras *Captação da Água em Marituba* [Figura 1] e *Alma de Igarapé*, faltou maior familiaridade por parte de Braga com a coloração da flora paraense. Sousa argumenta que o equívoco nos tons utilizados poderia ser atribuído à recente estada do pintor em Paris, onde seu olhar teria se acostumado a outro tipo de vegetação. Ainda que justificasse a falha, Alfredo Sousa não se apresentou míope ou parcial, elencando também pontos negativos nas obras – embora suas críticas desfavoráveis tivessem pouca força diante dos elogios predominantes.



**Figura 1:**  
Theodoro Braga. **Captação d'Água**, 1905. Óleo sobre tela, 44 x 93 cm. Acervo Museu de Arte de Belém (MABE).  
Direitos da imagem/referência: Acervo Museu de Arte de Belém.

<sup>45</sup> SOUSA, *op. cit.*, 17 maio 1906, p. 1.

É possível afirmar que a produção artística de Theodoro Braga, após sua fixação em Belém no ano de 1906, tornou-se o “monotema” de Alfredo Sousa naquele mesmo ano. Como mencionado, a crítica publicada por Alfredo em sua nova coluna *Impressões d’Arte* abriu precedentes para que o crítico divulgasse diversos outros estudos sobre os pincéis de Theodoro Braga. O próprio pintor contribuiu ativamente para o fomento do debate entre sua pintura e a pena de Alfredo Sousa, ao produzir diversas obras e se consolidar como um dos principais agitadores da cena artística belenense daquele período.

Após o sucesso de sua comentada primeira exposição realizada no pomposo *foyer* do Theatro da Paz, Theodoro Braga fixou residência na Av. 16 de novembro, nº 24, onde manteve por alguns anos uma espécie de casa-ateliê. Para além de seus trabalhos e estudos artísticos individuais, Theodoro abria as portas de sua residência para jovens aspirantes a pintores e pintoras que iam estudar com o, naquele momento, professor Theodoro Braga.

Confluindo com um hábito já cultivado por alguns artistas residentes em Belém naquele período, três meses após sua primeira exposição, Theodoro Braga convidou o público apreciador a adentrar sua casa-ateliê para contemplar algumas obras inéditas, produzidas após sua chegada à cidade. A pequena mostra, aberta aos visitantes durante cinco dias consecutivos, das 8h às 16h, foi visitada pelo crítico de arte do jornal *Folha do Norte*, que, na edição de 17 de agosto, publicou em sua coluna *Impressões d’Arte* um texto contendo breves análises e informes sobre o que os leitores poderiam vislumbrar ao percorrer os corredores da casa do artista.<sup>46</sup>

Diante dos numerosos elogios dirigidos à persona de Theodoro Braga por Alfredo Sousa, torna-se importante atentarmos à intencionalidade do discurso do crítico de arte naquele momento. Se, em diversas instâncias, a cidade de Belém vivia um período de importantes transformações, buscando alinhar-se ao modelo dos grandes centros urbanos mundiais, é possível supor que, para o meio artístico local, fosse estratégico impulsionar a carreira de artistas da terra como Theodoro Braga, que, embora não tenha sido criado na cidade, escolheu Belém para viver após seu retorno da Europa.

Seguindo a ordem natural das coisas, a vivência em Belém parecia influenciar os temas escolhidos por Theodoro Braga para compor suas novas obras. Segundo Alfredo Sousa, o pintor havia incluído na mostra aberta em sua casa produções recentes que retratavam “assumptos paraenses”. O crítico adiantou aos leitores de sua coluna — antes mesmo de iniciar o debate sobre as obras — que, devido à alta qualidade artística de Braga, estas haviam sido pintadas com “traços e gradações do maior prestígio de interpretação da natureza”. Tal argumento já prenunciava o progresso técnico que seria destacado por Sousa ao contemplar as telas, especialmente se comparado a críticas anteriores, nas quais ele havia

---

<sup>46</sup> SOUSA, Alfredo. *Impressões de Arte*. *Folha do Norte*, Belém, 17 ago. 1906, p. 1.

apontado dificuldades do pintor em lidar com as tonalidades da flora paraense, como observado em dois de seus quadros. Em seguida, o crítico passou a apresentar os novos trabalhos do artista a seus leitores:

Dos novos trabalhos sobressaem, pela afirmação dos predicados já apontados, e que fazem Theodoro Braga um artista superior, consolidando-lhe a alta reputação, os retratos a óleo, em busto, de tamanho natural, dos coronéis Raymundo Figueiredo e Raymundo Bezerra, aquelle 1º intendente de Soure, este o actual, pincelado com largueza e mestria, assumindo a cabeça forte relevo e vigôr, na tonalidade quente e animada da carnação, modela com sciencia peculiar a um retratista, plenamente assenhoreado do desenho e perfeito conhecedor de valores.

Em pinturas a óleo merecem menção especial “*Um Cacury*” e “*O Paracauary*”, paisagens e marinhas, de radiante luminosidade tratadas com grande talento, no estudo vivido das aguas e dos ceos, de flagrante effeito tropical.

Belissimas também, duas aquarellas – “*Barracos do Porto*” e “*Pharol de Soure*”, esta diaphena e branda á maneira italiana; aquella forte e translucida, á inglesa, duma technica energica, irreprehensivel.

Outros aspectos de Soure em pequenas telas, grapham com verdade e a sólida sabedoria do artista, o vigor glauco da vegetação e o pintoresco da casaria, das terras, e das aguas, tudo inundado de sol ardente e álaque, dilatando o horizonte em torrentes de luz, pondo tons de turquesa fluida no ceo profundo.

Isto quanto á nova exposição de arte pura.<sup>47</sup>

Se, em suas duas primeiras obras dedicadas às paisagens paraenses, Theodoro Braga cometeu, aos olhos do crítico Alfredo Sousa, alguns equívocos de coloração, nota-se que, em suas novas produções, o artista foi bem-sucedido no empastamento das tintas utilizadas em sua paleta para retratar outros cenários amazônicos. Supõe-se que Braga tenha realizado uma viagem a Soure, na Ilha do Marajó, onde, além de receber encomendas para a confecção dos retratos do antigo e do atual intendente do município, deixou-se contaminar pelas belezas naturais do local. Não por acaso, seus novos quadros apresentaram ao público apreciador paisagens marajoaras peculiares do município, como o rio Paracauari e o farol da cidade.

Em sua análise estética, Alfredo Sousa fez questão de destacar a qualidade técnica da “radiante luminosidade” empregada por Theodoro Braga na composição das paisagens marajoaras, identificando influências das escolas de pintura italiana e inglesa em suas pinceladas em aquarela. É possível que a ausência de descrições mais detalhadas das obras no texto crítico de Sousa tenha funcionado como um convite à visita da exposição, ao mesmo tempo em que o autor enfatizava, por meio de sua escrita, a excelência das obras apresentadas.

---

<sup>47</sup> *Ibidem*.

Antes de concluir seu texto, como se deixasse a exposição após contemplar as obras, Alfredo Sousa ainda teceu alguns comentários sobre a charmosa residência de Theodoro Braga, que contava com mobiliário desenhado pelo próprio artista:

Quanto á installação do pintor no prédio alludido, merece esta outra menção particular, pois que é original entre nós, pela arte applicada de alguns de seus utensílios, fabricados segundo desenhos seus. E' assim que foram muito admiradas varias peças de mobiliário aqui executadas, e que põem em evidencia os seus talentos de decorador exímio, que o é, em todos os processos ornamentaes [...]<sup>48</sup>

É possível notar que, embora não deixasse à margem o debate estético sobre as obras que analisava — traço característico da crítica de arte naquele período —, Alfredo Sousa, crítico residente do jornal *Folha do Norte*, apresentava um viés acentuadamente jornalístico em suas publicações, com análises fluidas e textos mais concisos, se comparados aos de outros críticos atuantes no mesmo contexto.

Alguns hiatos permearam a atuação de Sousa no *Folha do Norte*, embora possamos considerá-lo um crítico assíduo em seu *métier*. Nesse sentido, é possível afirmar que Alfredo Sousa voltou a publicar sua coluna apenas em novembro de 1906, tendo como pauta, mais uma vez, Theodoro Braga. Na publicação daquele mês, o redator iniciava um tipo de abordagem que se tornaria recorrente nos anos seguintes: dentro da coluna *Impressões de Arte*, Sousa adjetivava o pintor de acordo com o gênero predominante nas obras exibidas nas mostras que visitava. No dia 1º de novembro, por exemplo, o crítico intitolou seu texto como: “*Theodoro Braga, aquarellista*”.<sup>49</sup> Na ocasião da nova exposição do pintor paraense, novamente instalada em sua residência, Alfredo Sousa pôde contemplar diversas aquarelas produzidas por Theodoro retratando recantos de Belém.

Chama-nos a atenção a referência utilizada pelo crítico acerca da obra do filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714–1762), teórico conhecido por estabelecer a estética como um campo distinto da investigação filosófica<sup>50</sup>. Antes de abordar as obras de Theodoro Braga, em tom persuasivo, Sousa dirigiu-se a seus leitores para expor alguns preceitos sobre a sensibilidade artística que deveria ser cultivada na sociedade belenense, promovendo, assim, um breve debate conceitual por meio de seu texto.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> Entre 1906 e 1911, Alfredo Sousa publicou: “*Theodoro Braga, aquarellista*” (1906); “*Theodoro Braga, retratista*” (1907); “*Theodoro Braga, desenhador*” (1910); “*Theodoro Braga, illuminador*” (1911).

<sup>50</sup> BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Aesthetica*. Halle: Hendel, 1750.

<sup>51</sup> SOUSA, Alfredo. *Impressões de Arte – Theodoro Braga, aquarellista*. *Folha do Norte*, Belém, 1 nov. 1906, p. 1.

Dando prosseguimento ao texto, o crítico comentou de forma elogiosa alguns gêneros de pintura nos quais Theodoro Braga já havia demonstrado notável qualidade artística. Antes de abordar os pormenores dos novos quadros produzidos pelo pintor, Alfredo Sousa sinalizou aos leitores de sua coluna a dificuldade técnica e estética envolvida na composição de pinturas do gênero aquarela. Adiantando que Theodoro Braga, mais uma vez, havia conseguido conquistar sua admiração por meio daquilo que o crítico pôde contemplar em sua nova exposição, Alfredo Sousa prosseguiu com os comentários acerca das cenas belenenses retratadas pelo artista.<sup>52</sup>

Mantendo a fluidez em sua composição textual, antes mesmo de comentar uma a uma as obras que lhe chamaram atenção, o crítico de arte Alfredo Sousa compartilhou suas impressões sobre os recantos belenenses pintados por Theodoro Braga. Em crítica elogiosa, Alfredo destacou para os leitores de sua coluna a sutil utilização da coloração na paleta do artista que, combinada à observação proveniente de sua “alma de artista” e ao “manejar amoroso de suas mãos”, resultou nos excelentes trabalhos, caso de “*Ver O Peso*”,<sup>53</sup> entre outros apresentados ao público apreciador que visitou a mostra. Além de realizar uma breve descrição das obras que mais lhe cativaram a retina, Alfredo Sousa arrolou os demais quadros que puderam ser contemplados.<sup>54</sup>

Para além de promover o debate crítico por meio de sua coluna no jornal *Folha do Norte*, nota-se que os textos publicados por Alfredo Sousa acompanhavam o desenvolvimento artístico de Theodoro Braga, sobretudo no que se refere às temáticas propostas pelo pintor em suas novas obras. Sabe-se que, anos depois, Theodoro Braga se tornaria um dos maiores nomes do *art déco* brasileiro, graças ao perspectivismo amazônico presente em suas produções.<sup>55</sup> Alfredo Sousa tratou de sinalizar isso desde 1906, como parte do processo de construção artística do pintor que, nitidamente, se encantara com as paisagens e cenários paraenses [Figura 2].

---

<sup>52</sup> “É simplesmente encantadora a sua exposição actual [...] na qual figuram 14 aspectos da capital, cada qual de mais impressionante effeito, pela rutilante coloração, pela firmeza do desenho, pela energia do pincel, e pela suavidade dos tons.”. *Ibidem*.

<sup>53</sup> “Curiosa, pela franqueza da factura, o bom e bem proporcionado desenho álaire, pelo rumor, e o movimento e a animação o “*Ver-o-Peso*”, com os seus barcos de vélas variegadas e a vida local em flagrante de cor, verdadeiro quadro de genero.”. *Ibid*.

<sup>54</sup> Eram eles, em aquarela: “*Entrada do Bosque Municipal*”, “*Ver-o-Peso*”, “*Trapiches*”, “*Calçada do Collegio*”, “*Cathedrais*”, “*Estação de São Braz*”, “*Largo da Trindade*”, “*Palacete Guamá*”, “*Praça Frei Caetano Brandão*”, “*Torre Medieval da Praça Batista Campos*” e “*Trecho do Museu Emilio Goeldi*”. Além destes, mais quatro obras a óleo sobre tela puderam ser contempladas, tendo todas como temática “*a festa de Nazareth em aspectos noturno e diurnos*”. Todas, segundo Alfredo Sousa, de “*deleitosa visão*”. *Ibid*.

<sup>55</sup> Sobre o conceito de perspectivismo amazônico, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Flami-n’-assú: manifesto e perspectivismo amazônico no Modernismo brasileiro na década de 1920. **Revista de História**, São Paulo, n. 181, p. 1–22, 2022.



**Figura 2:**

Theodoro Braga. **Ver-o-Peso**, 1906. Aquarela, 14,3 x 29 cm. Acervo Clóvis de Moraes Rêgo, propriedade de Carlos Ronaldo e Clóvis Júnior, Belém do Pará. Direitos da imagem/referência: Acervo Clóvis de Moraes Rêgo.

Alguns eventos importantes acabaram afastando a produção crítica de Alfredo Sousa da obra de Theodoro Braga ao longo do ano de 1907. As diversas exposições de grande porte realizadas no *foyer* do Theatro da Paz concentraram a atenção do crítico — como as mostras de pintores como Aurélio de Figueiredo<sup>56</sup> e Francisco Estrada.<sup>57</sup> A partir de sua publicação sobre Estrada, Sousa passou a adotar, como característica recorrente de seus textos, o hábito de narrar a trajetória artística dos pintores que figuravam como pauta em sua coluna. Entre os textos publicados entre 1907 e 1911 — ano em que o crítico se desligou do jornal —, observa-se que, em quase todos, Sousa dividia sua escrita em duas partes: a primeira dedicada à biografia artística do pintor analisado, e a segunda, à crítica da obra exposta.

Assim procedeu Alfredo Sousa no dia 29 de agosto, ao publicar o texto intitulado “*Theodoro Braga, retratista*”. Em extensas linhas, o crítico comentou a trajetória de Theodoro Braga — um de seus artistas favoritos, como já se sabe —, que naquele momento vinha sendo alvo de críticas do público após pintar o retrato do Sr. Genuíno Amazonas, Secretário de Governo do Estado. Era apenas o quarto trabalho daquele gênero produzido por Braga desde sua chegada a Belém. Representando o retratado em pé, a tela foi vista por Alfredo Sousa, ao contrário da recepção negativa de parte do público, como uma obra de “desenho

<sup>56</sup> SOUSA, *op. cit.*, 13 mar. 1907, p. 1.

<sup>57</sup> *Idem*. Impressões de Arte. *Folha do Norte*, Belém, 4 jul. 1907, p. 1.

correcto, com um jogo de luz bem observado”.<sup>58</sup> Diante disso, cabe questionar: até onde ia a imparcialidade crítica de Alfredo Sousa diante de uma obra de Theodoro Braga?

O fato é que, nos meses seguintes, Alfredo Sousa afastou-se da redação do jornal *Folha do Norte*, deixando os debates artísticos a cargo de outros redatores, que passaram a publicar pequenas colunas voltadas à arte. Chama atenção que nem mesmo a obra-prima de Theodoro Braga — o já citado quadro *Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará*, apresentado em dezembro de 1908 — foi suficiente para trazer o crítico de volta às páginas do jornal. Sua ausência foi, inclusive, justificada por João Affonso do Nascimento, em texto no qual analisava a obra e sinalizou o afastamento de Sousa de suas ocupações jornalísticas.<sup>59</sup>

Os pincéis de Theodoro Braga voltaram a ser pauta para Alfredo Sousa apenas em meados de 1910. Após um hiato de cerca de dez meses (que já vinha se tornando recorrente em sua atuação como crítico de arte), Sousa voltou a dedicar atenção a uma produção do artista. Em uma composição textual atípica, o crítico publicou em sua coluna observações sobre um retrato do Intendente Municipal Antônio Lemos (1843-1913), pintado por Theodoro Braga. Classificamos o texto como atípico, em primeiro lugar, porque nele Alfredo Sousa “justifica” aos leitores do jornal sua ausência algo que, até então, não havia feito, apesar de já ter se afastado por longos períodos de sua função jornalística.<sup>60</sup>

Curioso é que, embora apresentasse sua coluna como uma seção imparcial dedicada à análise crítica de obras de arte, Alfredo Sousa, nesse mesmo texto, demonstrou parcialidade ao julgar o novo trabalho de Theodoro Braga, deixando que sua tendência e rivalidade política se sobrepusessem ao senso estético e crítico.

Ainda que as formas delineadas pelos pincéis de Braga tenham agradado o crítico, que fez questão de destacar a qualidade dos traços fisionômicos presentes no retrato de Antônio Lemos, o cenário e alguns pormenores da obra levaram-no a redigir severas desaprovações sobre os demais elementos da composição. Parece ter incomodado Sousa a suntuosidade conferida por Braga à figura do Intendente Municipal. Chegou a implicar, inclusive, com a reprodução de um exemplar do jornal *A Província do Pará* inserido na tela. Ao relegar a imparcialidade, traço essencial à crítica de arte, a segundo plano, Sousa argumentava que, apesar dos esforços de Theodoro Braga para retratar Antônio Lemos em um “cenário mirabolante”, “o valor apagado” do intendente ainda assim não conseguiria se destacar.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> *Id.* Theodoro Braga, retratista. **Folha do Norte**, Belém, 29 ago. 1907, p. 1.

<sup>59</sup> “Não é uma crítica, me apresso em declarar. O distinto amator, que nas columnas da Folha do Norte se occupa habitualmente de coisas d’arte, achando-se ora ausente, não me abalanço a substituí-lo. JOAFNAS, *op. cit.*, 20 dez. 1908, p. 1.

<sup>60</sup> SOUSA, Alfredo. Impressões de Arte. **Folha do Norte**, Belém, 14 jul. 1910, p. 1.

<sup>61</sup> *Ibidem.*

Para os leitores que acompanhavam as publicações de Alfredo Sousa desde suas primeiras críticas veiculadas no *Folha do Norte*, causava certo estranhamento a opinião expressa pelo crítico sobre o novo retrato de Theodoro Braga. Em um contexto marcado pelo acirramento da rivalidade política entre *lemistas* e *lauristas*, fosse Braga ou qualquer outro pintor de renome a retratar Antônio Lemos, este certamente contaria com a desaprovação de Sousa. Diante do episódio, para um questionamento sugestivo: teria o crítico mantido o mesmo parecer caso Theodoro Braga tivesse retratado, com igual suntuosidade, o Sr. Lauro Sodré? [Figura 3]



**Figura 3:**  
BRAGA, Theodoro. Theodoro Braga em seu atelier. Fotografia. In: **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, n. 263, 1911. p. 16.  
Disponível em: [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1911/N263/N263\\_master/N263.pdf](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1911/N263/N263_master/N263.pdf). Acesso em: 01 de out. 2025. (À esquerda, o quadro analisado na crítica, que hoje faz parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP, porém, devido suas grandes proporções, está na reserva técnica do Museu da Universidade Federal do Pará).

Durou pouco o descontentamento de Alfredo Sousa em relação aos pincéis de Theodoro Braga. Dizemos isso porque, em setembro de 1910, mais uma vez o crítico de arte do jornal *Folha do Norte* sentou-se para redigir linhas elogiosas sobre uma nova tela produzida pelo pintor. Na vitrine da loja *Bastidor da Moda*, situada na Rua João Alfredo, os transeuntes da urbe belenense podiam contemplar o novo quadro de Braga: uma vista da Travessa Dr. Moraes, sob a perspectiva de quem observa a via a partir da Vilinha

do Palacete Bolonha, local onde o artista residia naquele momento e de cuja janela de seu ateliê dispunha desse panorama. No texto “*Theodoro Braga, desenhador*”,<sup>62</sup> Alfredo Sousa primeiramente narrou aos leitores da *Folha do Norte* a cena representada e alguns pormenores que pôde contemplar durante a apreciação da obra.

Se, meses antes, o posicionamento político de Alfredo Sousa havia se sobreposto ao seu senso crítico durante a análise do retrato de Antônio Lemos, pintado por Theodoro Braga, neste momento o cenário era outro. Como nas demais críticas publicadas por Sousa sobre os pincéis de Braga desde 1906, o crítico voltou a elogiar o trabalho do artista, destacando a qualidade técnica dos traços realizados a pena, bem como a coloração executada em aquarela — ambas tratadas com notável primazia na composição da tela simples e agradável exposta ao público. Diante da opinião expressa, é possível supor que, caso o quadro ainda não tivesse sido adquirido, Alfredo Sousa desejaria tê-lo em sua coleção pessoal.<sup>63</sup>

O final de 1910 marcaria o início de mais um longo hiato de Alfredo Sousa na redação do jornal *Folha do Norte*. A chegada de 1911 e a continuidade de sua ausência no periódico foram sinais evidentes de seu desligamento do editorial, que viria a ocorrer ainda naquele mesmo ano. Antes disso, contudo, Sousa retornaria brevemente à redação, publicando aquele que seria seu último texto de crítica de arte nas páginas do *Folha*.

No dia 15 de abril, em sua coluna *Impressões de Arte*, Alfredo Sousa apresentou aos leitores um extenso estudo intitulado “*Theodoro Braga, iluminador*”.<sup>64</sup> No texto, além de reiterar, mais uma vez, os elogios que vinha tecendo ao longo dos seis anos em que acompanhou criticamente os trabalhos do pintor, Sousa dedicou-se à análise de uma iluminura, gênero artístico característico do período medieval, que Braga expunha na vitrine da loja *Bastidor da Moda*.

Dos gêneros artísticos produzidos por Theodoro Braga desde sua chegada a Belém, em 1906, certamente a iluminura analisada por Alfredo Sousa naquele mês de abril foi a mais distinta em termos temáticos. Ao destacar a precisão dos pequenos desenhos pintados a guache pelos pincéis de Braga, Sousa reconheceu, com base em seu senso crítico, a qualidade técnica e estética da obra. Quem aparentemente não se encantou da mesma forma foram os colecionadores belenenses. Antes de encerrar o texto com um ponto final, Alfredo Sousa ainda procurou justificar a dificuldade técnica e o alto

---

<sup>62</sup> *Idem*. Impressões de Arte – Theodoro Braga, desenhador. **Folha do Norte**, Belém, 14 set. 1910, p. 1.

<sup>63</sup> “Esta obra-prima, que encanta, attrahe, e seduz a visão menos effeita ao bello plástico, é trabalho de algumas horas apenas, e a sensação que se experimenta deante della é a de admiração e respeito pelo seu auctor, cujo talento na sua execução teceu, pode-se assim dizer, as raias do impossível, tal a magia com que por simples traços e algumas tintas, conseguiu effeitos tão complexos e vividos de luz e relevo, onde todas as coisas accusam a imagem natural e familiar. [...] O quadro já foi adquirido.”. *Ibidem*.

<sup>64</sup> *Idem*. Impressões de Arte – Theodoro Braga, iluminador”. **Folha do Norte**, Belém, 15 abr. 1911, p. 1.

investimento financeiro envolvidos na produção daquele gênero artístico, sugerindo, assim, uma tentativa de impulsionar a venda da iluminura de seu estimado colega pintor.

Por meio de uma sucessão de exemplos, o crítico de arte Alfredo Sousa, em tom persuasivo, procurava convencer seus leitores não apenas do valor estético e artístico da obra, mas também do valor monetário que a aquisição da iluminura poderia representar ao colecionador que a incorporasse ao próprio acervo. Não se sabe se a obra foi de fato vendida. E, após a publicação desse último estudo crítico, pouco mais se soube sobre Alfredo Sousa através da imprensa.<sup>65</sup>

A partir de então, as pautas artísticas do *Folha do Norte* passaram a ser conduzidas por uma nova plêiade de redatores, que começaram a publicar seus textos por volta de 1911. A crítica sobre a iluminura de Theodoro Braga foi, de fato, o último estudo crítico assinado por Alfredo Sousa no jornal. Considerando que os anos de 1911 e 1912 foram marcados por intensa efervescência política, com a deposição de Antônio Lemos da Intendência Municipal de Belém, é plausível supor que Alfredo Sousa, correligionário de Lauro Sodré, tenha se engajado em outras causas, relegando a atividade jornalística a um plano secundário.

Não à toa, com a ascensão de seu velho amigo Enéas Martins (1872–1919) ao cargo de governador do Estado do Pará, Alfredo Sousa passou a ocupar, a partir de fevereiro de 1913, o posto de Secretário da Fazenda, sendo responsável pela administração das finanças governamentais.<sup>66</sup>

Dos diálogos entre pincéis e letras que envolveram Theodoro Braga e Alfredo Sousa, sabe-se que, para além das críticas de arte apresentadas neste breve estudo, o artista chegou a produzir um *Ex-Libris* para seu colega crítico [Figura 4], gesto que marca a relação cordial entre dois dos principais pilares na consolidação do sistema de arte da Belém do início do século XX.<sup>67</sup>



**Figura 4:**

BRAGA, Theodoro. Ex-libris Dr. Alfredo de Souza, Belém, 1907, formato grande, s/m. **Revista Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 79, p. 81, set. 1912. Acervo: Biblioteca Nacional.

<sup>65</sup> No dia 7 de julho de 1911, Alfredo Sousa ainda assinava uma crônica intitulada “Um Pintor de Azulejos – Jorge Colaço”, na qual apresentou o trabalho artístico do ceramista português, destacando sua atuação no campo da azulejaria. *Idem*. “Um Pintor de Azulejos – Jorge Colaço”. *Folha do Norte*, Belém, 7 jul. 1911, p. 1.

<sup>66</sup> *Idem*. *Relatório dos Serviços da Secretária da Fazenda, apresentado a S. Exc. o Governador do Estado Sr. Dr. Enéas Martins*. Por Alfredo Sousa, Secretário. Belém. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1913.

<sup>67</sup> BRAGA, Theodoro. Ex-libris Dr. Alfredo de Souza, Belém, 1907, formato grande, s/m. **Revista Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 79, set. 1912, p. 81. Acervo Biblioteca Nacional.

## **Conclusão: crítica de arte em Belém, entre o ontem e o hoje**

A análise das críticas de Alfredo Sousa sobre Theodoro Braga permite compreender a crítica de arte como prática fundamental para a constituição do sistema artístico de Belém na virada do século XIX ao XX. Longe de ser apenas relato, os textos revelam disputas de gosto, negociações políticas e esforços de legitimação de artistas locais em um cenário marcado pelo desejo de modernidade. Ao inserir Belém no debate historiográfico, este artigo contribui para a descentralização dos estudos sobre crítica de arte no Brasil, evidenciando a complexidade de outros centros urbanos para além do Rio de Janeiro.

Embora nem todas as obras analisadas por Sousa tenham sido localizadas em acervos públicos ou privados, essa ausência é em si reveladora: aponta para a dispersão de parte significativa da produção de Theodoro Braga, o que impõe desafios à historiografia e abre caminho para novas investigações.

Atualmente, Belém conta com um sistema de arte consolidado, que engloba renomadas galerias públicas e privadas, além de museus cujos acervos começaram a ser formados justamente no período abordado neste estudo, caso do Museu de Arte de Belém (MABE), onde parte do acervo de obras de Theodoro Braga pode ser visitado.

No campo da crítica de arte, alguns nomes paraenses ganham destaque, como os de Afonso Medeiros e Gil Vieira, ambos vinculados a instituições reconhecidas, a exemplo da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Em um campo de discussão alternativo, Thays Chaves (Nazas) também vem propondo reflexões pertinentes e, sobretudo, apresentando nomes de uma nova safra de artistas contemporâneos amazônicos.

Tais movimentos assemelham-se ao que buscamos expor ao apresentar o debate proposto por Alfredo Sousa sobre a obra artística de Theodoro Braga na Belém do início do século XX. Se, nas principais capitais brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro, a crítica de arte foi um campo de discussão emergente no período abordado, nosso intuito aqui foi contribuir para inserir Belém de forma mais efetiva nos debates sobre a história da crítica de arte no entresséculos.

A partir das críticas publicadas por Alfredo Sousa entre 1906 e 1911 sobre as exposições e pequenas mostras de Theodoro Braga, buscamos ir além do debate sobre gosto, senso estético e juízo de valor, procurando evidenciar a complexidade do contexto vivido por esses agentes no extremo Norte do país — alguns produzindo, outros discutindo e fomentando a cena artística.

Se, no sistema de arte da Belém do início do século XX, a imprensa desempenhava um papel primordial na difusão de ideias e na informação da população, no campo artístico, a crítica de arte daquele período, veiculada pelas páginas dos jornais, exercia função semelhante. Ao evidenciar a

complexidade do contexto, dos espaços e dos agentes ligados à intelectualidade nortista, Alfredo Sousa e Theodoro Braga enriqueceram a cena artística belenense por meio de seus debates — um como crítico de arte, o outro como artista —, atuando como mediadores entre os produtores de arte e o público, e contribuindo para manter a sociedade local informada sobre as principais discussões no campo artístico daquele contexto.